

## **À PORTA DAS CELAS: A RESSIGNIFICAÇÃO DO ‘EU’ ATRAVÉS DA INFLUÊNCIA DO DISCURSO RELIGIOSO NA PRISÃO**

### **IN FRONT OF CELLS: THE RESIGNIFICATION OF THE SELF THROUGH THE INFLUENCE OF RELIGIOUS SPEECH IN PRISON**

*Ana Idalina Carvalho Nunes<sup>1</sup>*

#### **RESUMO**

Este artigo analisa o efeito do discurso religioso na ressignificação do eu de homens que cumprem pena no presídio de Cataguases (MG) e avalia o impacto dessa ressignificação sobre o comportamento desses homens, dentro e fora das celas. O estudo tem como base teórica principal o interacionismo simbólico de Goffman e a análise do discurso francesa de Pêcheux por Eni Orlandi, mas também recorre às teorias de Althusser e de Marcuse para discutir o aparente paradoxo que existe entre a hipótese de ressignificação do eu a partir do discurso religioso e o posicionamento da religião como aparelho ideológico de Estado. O estudo foi desenvolvido a partir de duas incursões: a primeira na escola prisional (2012-2013), da qual se utiliza aqui a antologia “Poetas da liberdade” organizada a partir da produção poética dos alunos; a segunda, realizada dentro das galerias do presídio entre abril e agosto de 2016 e em fevereiro de 2017, através de entrevistas e da observação participante, permite a identificação situações que se configuram como ‘mortificação do eu’ e que caracterizam o presídio como instituição total. Como resultado, são identificadas quatro formas básicas de ressignificação do eu pelo discurso religioso, que vão alterar a percepção que esses homens têm de si mesmos, dos outros e, conseqüentemente, do mundo.

Palavras-chave: Discurso religioso. Prisão. Instituição total. Ressignificação do eu.

#### **ABSTRACT**

This article analyzes the effect of religious discourse on the re - signification of the self of prisoners in the Cataguases prison (MG) and evaluates the impact of this re - signification on the behavior of these men, inside and outside the cells. The study has as its main theoretical basis the symbolic interactionism of Goffman and the analysis of the French discourse of Pêcheux by Eni Orlandi, but also uses the theories of Althusser and Marcuse to discuss the apparent paradox that exists between the hypothesis of resignification of the self by religious discourse and the position of religion as an ideological state apparatus. The study was developed from two incursions: the first in prison school (2012-2013), which uses here the anthology "Poets of freedom" organized from the poetic production of students; the second, held inside the prison galleries between April and August 2016 and in February 2017, through interviews and participant observation, allows the identification of situations that are configured as 'mortification of the self' and which characterize the prison as a total institution . As a result, four basic forms resignification of self by religious discourse are identified, which will alter their perception of themselves, of others, and consequently of the world.

---

<sup>1</sup> Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2017). Dissertação defendida: Discurso religioso no cárcere: caminhos e possibilidades. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça Lima. Contato: idalinadecarvalho@gmail.com

Keywords: Religious Discourse. Prison. Total institution. Resignation of self.

## **Introdução**

Este artigo lança um olhar sobre o impacto do discurso religioso sobre os homens que cumprem pena no presídio de Cataguases (MG), visando identificar o interdiscurso religioso dentro de seus dizeres para analisar a dinâmica de apropriação do religioso para a ressignificação de suas vidas e para suportar a pena. Os dados aqui apresentados consistem em recortes da pesquisa de mestrado em Ciências Sociais que originou a dissertação intitulada “Discurso religioso no cárcere: caminhos e possibilidades” (UFJF, 2017), durante as duas incursões que foram feitas em campo: a primeira delas na escola prisional, com duração de dois anos (2012-2013), período em que a pesquisadora atuava na instituição como professora de Filosofia, Sociologia e Arte. Desta primeira fase da pesquisa, o presente artigo faz um recorte em poemas produzidos por alunos durante as aulas de Arte e que vieram a integrar a antologia poética publicada em 2013 sob o título “Poetas da Liberdade”<sup>2</sup>. A segunda incursão ocorreu dentro do presídio entre abril e agosto no ano de 2016 e em fevereiro de 2017. Foram entrevistados, às portas das celas, 71% dos homens que então cumpriam pena naquela unidade prisional (128 acautelados), além de membros dos grupos religiosos que atuam naquele espaço, psicólogos, agentes de segurança e membros da direção do presídio.

O objetivo deste artigo consiste, assim, em analisar a maneira como os homens que cumprem pena no presídio de Cataguases se apropriam do discurso religioso para identificar o efeito dessa apropriação do discurso religioso sobre a ressignificação do eu mortificado pela instituição prisional e, a partir de então, o seu impacto sobre as interações dentro e fora das celas. Para fundamentar teoricamente o estudo, são utilizados os conceitos ‘instituição total’ e ‘mortificação do eu’ de Erving Goffman (2015), ‘paráfrase’, ‘interdiscurso’ e ‘polissemia’ em Eni Orlandi (2005) ‘Aparelhos ideológicos de Estado’ de Louis Althusser (1998) e, finalmente, os conceitos ‘princípio de prazer’ e ‘princípio de realidade’ apresentados por Herbert Marcuse em sua obra “Eros & a civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud” (2009).

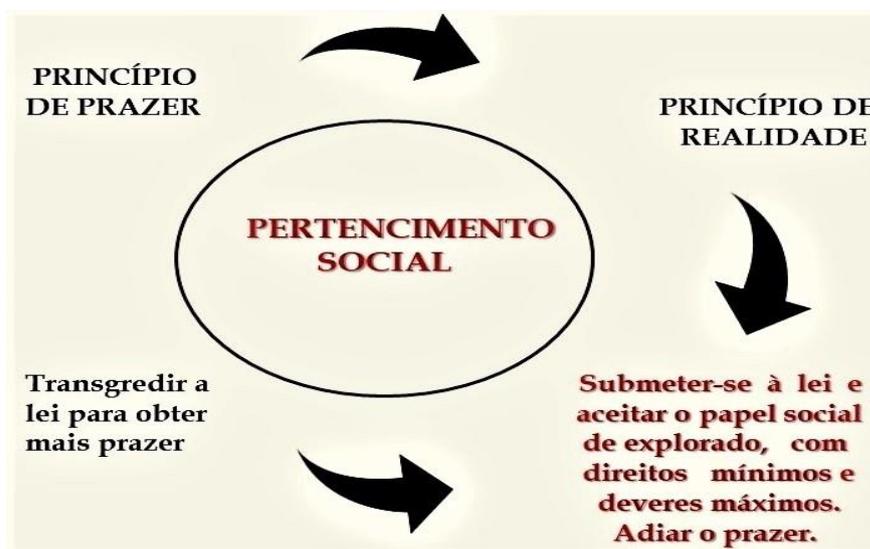
---

<sup>2</sup> Antologia poética organizada por mim e publicada com apoio financeiro de professores da escola prisional e de outras pessoas de Cataguases no ano de 2013.

Considerando a religião como um aparelho ideológico de Estado que atua juntamente com o sistema punitivo na ‘mortificação do eu’, parece paradoxal lançar a hipótese de que seja possível uma ressignificação desse eu mortificado por meio do discurso religioso. A fim de esclarecer a maneira como essa dinâmica ocorre, o artigo vem inicialmente trazer uma discussão entre as teorias de Althusser e os conceitos freudianos ‘princípio de prazer’ e ‘princípio de realidade’, interpretados à luz da Filosofia de Marcuse, para tornar claro o processo através do qual se torna possível perceber o discurso religioso como elemento da ressignificação do eu, com potencial para alterar significativamente, tanto as interações dentro das celas, como a relação dos acautelados com o mundo extramuros.

Embora não se possa refutar o argumento de que a presença de religiosos nas prisões consista numa aliança com o aparelho repressivo de Estado e que tenha o propósito de convencer os homens encarcerados a se submeterem às normas institucionais e às leis, se a situação for observada pelo ponto de vista freudiano, como um fenômeno histórico em que, conforme aponta Herbert Marcuse, “A subjugação efetiva dos instintos, mediante controles repressivos, não é imposta pela natureza, mas pelo homem” e que “O pai primordial, como arquétipo da dominação, inicia a reação em cadeia de escravização, rebelião e dominação forçada, que caracteriza a história da civilização” (MARCUSE, 2009, p. 37), ou seja, se a dominação ideológica e a mortificação do eu dos acautelados forem percebidas como condições básicas para o pertencimento social, chega-se à conclusão de que convencer o acautelado à submissão ideológica talvez consista em uma das poucas possibilidades de integrá-lo à sociedade. O processo pode ser ilustrado através da figura abaixo:

**Figura 1. Condição para o pertencimento social dos pobres e negros**



Fonte: a autora

Considerando que o indivíduo encarcerado vivesse antes pelo princípio de prazer e que a transgressão da lei lhe proporcionasse uma vida confortável em que ele pudesse obter os objetos de desejo, que desse a ele o poder do consumo para uma vida confortável antes da prisão, é possível afirmar que a condição para que ele consiga sair da prisão e se reintegrar à sociedade será a passagem de uma vida regida pelo princípio de prazer para uma vida regida pelo princípio de realidade, em que ele terá que se submeter à lei e aceitar a sua condição miserável de vida, trabalhando muito e recebendo pouco, tendo que adiar o prazer e contentar-se com os mínimos possíveis. Em outras palavras, embora a vida regida pelo princípio de prazer lhe garanta a satisfação imediata dos seus desejos, ela não lhe garante o pertencimento social. Vivendo à margem da lei, ele só consegue prestígio e reconhecimento do seu próprio grupo social, que será também formado por pessoas que transgredem as leis para obter benefícios. Considerando que esse grupo vive sob a mira do sistema punitivo, o sujeito é fatalmente encarcerado, quando não morre precocemente.

O discurso que os grupos religiosos levam para esses sujeitos dentro da prisão busca convencê-los a aceitar uma vida regida pela lei de Deus: o sujeito é convidado a entregar sua vida a Deus e a aceitar com resignação e submissão a pena e a sua situação social, em troca da proteção divina. Se o convencimento for bem sucedido, é possível que ele passe a reger a sua vida pelo princípio de realidade, adiando o prazer e submetendo-se a uma vida que, embora possa parecer miserável, lhe garante o pertencimento social e a proteção de Deus. Entretanto, entre o discurso proferido pelos religiosos e ofertado através de leituras e a maneira como cada acautelado se apropria desse discurso existe uma distância que dificulta a previsão dos caminhos que ele vai percorrer por trás das grades. O discurso escapa do controle dos religiosos, reproduzindo-se, modificando-se, adaptando-se a caminhos muitas vezes opostos à moral religiosa. A partir dessa diversidade de caminhos, abrem-se as diferentes possibilidades de ressignificação do eu, apresentadas ao final deste artigo sob a forma de um modelo teórico delineado a partir da análise das informações obtidas, seja através da análise de poemas escritos por acautelados, seja a partir das observações e das entrevistas realizadas às portas das celas. Os resultados obtidos levam à percepção do elemento religioso tanto entre os que assumem a religião como norteadora de sua vida, como entre os que optaram por uma vida à margem da lei. Estes últimos, não raro, se utilizam do discurso religioso para legitimar as suas ações e nutrir a ideia de proteção divina para as suas vidas.

## **O presídio de Cataguases como instituição total**

Conhecer a fundo o ambiente onde vivem e as situações com que se deparam cotidianamente os sujeitos da pesquisa consiste em requisito básico para que se consiga ouvir ou ler com maior clareza o que eles dizem, para perceber os acontecimentos da forma como eles percebem quando relatam algo, para sentir o que eles sentem quando descreveu o seu sentimento, enfim, para interpretar de uma maneira mais aproximada do real aquilo que foi visto, lido, ouvido ou observado. No presente caso, esse conhecimento possibilita a compreensão das relações existentes dentro da prisão, bem como das condições sociais da produção do discurso, favorecendo a identificação dos paradigmas interpretativos dos acautelados e dos parâmetros utilizados por eles para explicar o mundo. Ruth Cardoso considera que o ato de observar é uma ação capaz de “contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação” (CARDOSO, 1986, p. 103). Ou seja, o olhar atento e aprofundado sobre o contexto da pesquisa favorece a construção das cadeias de significação, principalmente em situações quando não é possível uma longa permanência no campo de pesquisa, como no presente caso.

Algumas das percepções mais claras apresentadas neste artigo não estão inseridas no discurso dos sujeitos da pesquisa, mas em situações percebidas pelos sentidos como a sensação de moscas pousando sobre meus pés e tornozelos, por baixo da saia longa que eu trajava durante a entrevista à porta de uma das celas. Foi a partir do incômodo das moscas que pude perceber que ao meu lado havia um cesto abarrotado de lixo (pratos descartáveis amassados com restos de alimentos, em sua maioria) sobre o qual as moscas sobrevoavam agitadas. Nesta mesma cela, outra situação me foi informada pelos sentidos: um odor de fezes se misturava ao cheiro de fumo e de roupas sujas guardadas, cheiro de umidade. Senti um desconforto ainda maior do que o que as moscas provocavam, o cheiro da cela se aproximava de um nível insuportável e a escuridão impregnava todos os cantos, dificultando até mesmo a identificação de homens que permaneciam ao fundo.

Esse tipo de desconforto causado pelas más condições de higiene do local é apontado por Goffman como um dos fatores que, nas instituições totais, promovem um tipo de mortificação do eu. Considerando que a cela abriga homens de comportamentos diversos, a convivência de um acautelado mais asseado e cuidadoso com inúmeros outros desorganizados e desprovidos de bons hábitos de higiene pode causar uma desorganização do seu eu, CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

ocasionando um grande transtorno emocional. De acordo com Goffman, entre as formas de mortificação do eu através da exposição, “Talvez o tipo mais evidente de exposição contaminadora seja a de tipo diretamente físico – a sujeira e a mancha no corpo ou em outros objetos intimamente identificados com o eu” (GOFFMAN, 2015, p. 32).

A folha de identificação dos acautelados dessa mesma cela, afixada na sua parede frontal, indicava que havia 14 homens vivendo naquele espaço escuro, mal cheiroso e sujo, com roupas espalhadas pelos varais que cruzavam a parte mais próxima ao banheiro. Goffman destaca o medo de contaminação que pode decorrer da falta de higiene entre os sujeitos que vivem em instituições totais, ressaltando que são comuns as queixas de contaminação por causa “de locais em desordem, toalhas sujas, sapatos e roupas impregnados com o suor de quem os usou antes, privadas sem assentos e instalações sujas para o banho (GOFFMAN, 2015, p. 33). Esse medo de contaminação se estende sobre a questão alimentar, sendo comuns as reclamações de acautelados sobre os alimentos deteriorados servidos. Todavia, não tendo outro recurso para a alimentação, eles se veem obrigados a se submeter ao que lhes é imposto.

É importante destacar que as situações apresentadas por Goffman como mortificação do eu não se restringem ao contato físico com o ambiente e com os outros homens que dividem com ele a cela, ou com os funcionários da instituição total. A própria exposição da vida do acautelado consiste em um tipo de mortificação, ou seja, até mesmo o desenvolvimento da pesquisa que deu origem a este artigo consiste em um tipo de degradação a que o sujeito fica exposto, já que a autorização para estar diante das celas e ter acesso às informações sobre a sua identidade através da guia afixada na parede frontal da cela independem dele. Ele também não têm autoridade para impedir a presença de pesquisadores ou de agentes religiosos diante das celas, para evitar esse tipo de abordagem que invade sua intimidade e que, não raro, interrompe o seu sono repentinamente, sem que ele tenha tempo para se mostrar com melhor aparência (penteando-se, lavando o rosto, escovando os dentes, por exemplo). Os acautelados podem se recusar a responder às perguntas e a participar da pesquisa ou da visita religiosa, mas são obrigados à exposição indesejada, a não ser que se escondam sob os lençóis, como fazem os que simulam sono durante o atendimento religioso. Goffman explica que a rotina diária de interações sociais dos sujeitos é determinada, na maioria das vezes, por

obrigações sociais principais, mas ele se esforça um pouco para encontrar situações que não serão constrangedoras e se desviar de situações que o serão. Um indivíduo que firmemente acredite que tem pouco aprumo, talvez até exagerando seu defeito, é

tímido e acanhado; temendo todos os encontros, ele busca sempre encurtá-los ou evitá-los completamente. (GOFFMAN, 2011, p. 102)

É importante destacar que a participação de 71% da população carcerária nesta pesquisa se deveu, em grande parte, ao trabalho de convencimento realizado na apresentação feita à porta de cada cela. Isso não significa que os acautelados tivessem resistência em contribuir, mas que a descrença e o desânimo naquele ambiente minam qualquer atividade que lhes exija um maior exercício da mente, principalmente no que tange à pesquisa, uma atividade que não lhes traz benefícios imediatos. Se o pesquisador fosse alguém da administração, aí sim, a participação na pesquisa poderia gerar uma imagem positiva, um melhor status dentro da prisão, podendo até mesmo ser vista como um favor que deixaria o pesquisador em débito com o acautelado. Entretanto, no meu caso, os benefícios pareciam demasiadamente abstratos para sua compreensão.

É importante observar o efeito da perda de individualidade sobre os homens que vivem dentro da cela: eles se tornam ansiosos, já que vivem permanentemente vigiados e não têm sequer direito à privacidade na realização das suas necessidades físicas mais básicas. Goffman frisa esse aspecto, apresentando que, nas instituições totais, “o internado nunca está inteiramente sozinho; está sempre em posição em que possa ser visto e muitas vezes ouvido por alguém, ainda que apenas pelos colegas de internamento. As celas de prisão com barras de metal como paredes permitem essa exposição” (GOFFMAN, 2015, p. 32). Se existe afinidade entre os habitantes de uma cela, embora a perda de individualidade seja degradante, ela se torna suportável. Todavia, quando algum dos habitantes da cela tem algum tipo de transtorno mental ou quando existe alguma rivalidade entre os que estão confinados, pode ser gerada uma situação de pânico.

### **O interdiscurso religioso em poemas**

A apropriação do discurso religioso pelos homens encarcerados está diretamente ligada a uma busca de fortalecimento – seja para absterem-se definitivamente da identidade anterior, seja para fortalecer esse eu que o sistema tentou mortificar. A partir da análise de poemas selecionados do livro “Poetas da liberdade” é possível notar que alguns de seus autores estão certos de que, para recuperarem sua liberdade, terão que se submeter à lei. Todavia, em muitos casos, ele decidem ignorar esse conhecimento e buscar a liberdade em seu sentido

primitivo e não social, acreditando que seja possível viver essa liberdade primitiva em sociedade. Orlandi se refere à questão de ordenação da sociedade, dividindo o sistema de organização das leis em duas etapas. De acordo com ela,

C. Haroche (1987) mostra-nos que a forma-sujeito do discurso religioso, característica da Idade Média, representou uma forma- sujeito diferente da forma- sujeito jurídico. Com a transformação das relações sociais, o sujeito teve de tornar-se seu próprio proprietário, dando surgimento ao sujeito de direito, com sua vontade e responsabilidade. A subordinação explícita do homem ao discurso religioso dá lugar à subordinação, menos explícita, do homem às leis: com seus direitos e deveres. Daí a ideia de um sujeito livre em suas escolhas, o sujeito do capitalismo. A crença na Letra ( submissão a Deus) dá lugar à crença nas Letras (submissão ao Estado e às Leis). (ORLANDI, 2009, p. 51)

No poema “Erros e acertos”, abaixo transcrito, por exemplo, é explícita a ideia de que é possível viver e fazer escolhas livremente, mas falta a compreensão de que a liberdade é ilusória, de que todos os cidadãos estão sutilmente aprisionados às leis, como escravos sem correntes, voluntariamente presos. Esse sempre foi e continua sendo o requisito básico para o pertencimento social: a submissão a um poder superior, a aceitação da lei como código de conduta.

#### **Erros e acertos**

A vida que procurei para mim  
 Nunca foi o caminho certo:  
 encontrei nesse caminho  
 muita inveja, decepção e espinho.  
 Sei que tudo isso foi o que escolhi  
 - mas será que você pode me julgar?  
 Não! Porque você também erra.  
 Mas é errando que vou crescendo  
 com base nesses meus erros.  
 Que seria de mim se não errasse?  
 Um cristo, ou apenas um anjo?  
 Somente aqueles que erram  
 podem se tornar grandes homens,  
 pois aprendem com erros e defeitos.  
 Mas responda, oh, grande sábio:  
 quem nunca errou nessa vida de cão?  
 Até o cão aprende com seu dono,  
 dono da sua vida, do caminho, da razão.  
 Jesus da verdade e da minha vida,  
 O que eu posso escolher, o bem ou o mal?  
 (se eles estão sempre juntos)  
 Só você pode escolher  
 o que é melhor para você.  
 (W.M.V., 2013, p. 58).

Nos dois primeiros versos de seu poema, ao dizer que a vida que escolheu para si “nunca foi o caminho certo”, W.M.V. está afirmando que escolheu o caminho errado. Entretanto, para dizer que o caminho escolhido foi o errado, ele precisa se nortear por um paradigma que, neste caso, lhe foi oferecido pela escola, pela família, pela religião, enfim, pelo Aparelho Ideológico de Estado (AIE), definido por Althusser como “Um sistema de instituições, organizações e práticas correspondentes, definidas” onde se dissemina a Ideologia de Estado, ou ainda apenas parte dessa ideologia em mistura com outros elementos. Segundo Althusser, esse processo garante a unidade da Ideologia de Estado ‘ancorada’ em funções materiais, próprias de cada AIE. Que não são redutíveis a essa ideologia, mas lhe servem de ‘suporte’. (ALTHUSSER, 1999, p. 104).

É importante notar que cada uma das instituições – familiar, escolar, religiosa, política, sindical, de informação, de edição-difusão e cultural – não pode ser considerada como um AIE (Aparelho Ideológico de Estado), mas como parte que compõe o AIE como sistema. As instituições, dentro desse sistema, desenvolvem, de acordo com Althusser, um processo para interpelar os indivíduos a partir de quatro passos: primeiramente, os indivíduos são interpelados como sujeitos; em segundo lugar, ocorre a submissão do sujeito ao Sujeito; em terceiro lugar, os sujeitos passam a se reconhecer reciprocamente e também em sua relação com o Sujeito e, por último, tudo passa a funcionar bem no reconhecimento dos sujeitos e, ressalta Althusser,

envoltos neste quádruplo sistema de interpelação, de submissão ao Sujeito, de reconhecimento universal e de garantia absoluta, os sujeitos “caminham”, eles “caminham por si mesmos” na imensa maioria dos casos, com exceção dos “maus sujeitos” que provocam a intervenção de um ou de outro setor do aparelho (repressivo) do Estado. (ALTHUSSER, 1987, p. 103)

Desta forma, os que não se apropriam da ideologia oferecida pelas instituições, consistem nos ‘maus sujeitos’, os que não se submetem ao ‘Sujeito’, situação onde é possível inserir os poetas aqui abordados. E se não foram interpelados pela ideologia dominante, isso pode possibilitar a apresentação da hipótese de que a instituição familiar, a escolar e a religiosa falharam na interpelação da criança. Entretanto, no quinto verso do poema acima apresentado, o poeta afirma que estar no caminho “errado” foi uma escolha dele e prossegue, no verso seguinte, questionando o direito de alguém vir a julgá-lo pela sua escolha, o que deixa margem para a hipótese de que conhecia todas as regras sociais e optou por transgredi-las. Ele demonstra ter consciência de que, independente do caminho escolhido, errar é sempre uma possibilidade, ou seja, os bons e os maus sujeitos erram.

W.M.V. reflete sobre as suas possibilidades, caso escolhesse se submeter às regras sociais e, quando ele faz esta referência, aponta claramente para a presença das ideias religiosas em sua formação, a noção de certo e errado, de bem e mal. Ele lança uma hipótese, utilizando como referencial a questão religiosa: “Que seria de mim se não errasse? Um cristo, ou apenas um anjo?”. Vale ressaltar que ele grafa “cristo” com inicial minúscula, antecedido do artigo indefinido “um”, o que pode significar que ele coloca “cristo” como uma posição social ou cargo dentro de determinada hierarquia. É possível que ele esteja dizendo: Quem seria eu dentro da sociedade, caso escolhesse me submeter às regras sociais, a obedecer e a me resignar com minha condição de pobreza? Um líder ou um trabalhador miserável? Seria rico e respeitado, ou seria apenas um serviçal, um empregado?” Ele conclui, nos versos seguintes, o seu argumento: “Somente aqueles que erram podem se tornar grandes homens, pois aprendem com erros e defeitos”, ou seja: somente os que ousam transgredir as normas impostas pelo poder dominante têm a chance de se destacar da grande massa pobre e se tornar grandes, pois têm coragem de errar e de viver a sua liberdade com responsabilidade. O que pode ainda ser traduzido por: os que desafiam as leis conseguem ter uma vida melhor que aqueles que obedecem. Eles erram e aprendem, são presos e sofrem a punição e todo esse processo é treinamento que os deixa mais resistentes e preparados para enfrentar as consequências pelas suas escolhas. Ele aqui fala da liberdade de acordo com Jean-Paul Sartre, com o sentido de escolha e responsabilidade.

O poeta deixa, supostamente, margem para uma negociação: se escolher ser submisso ao poder dominante lhe proporcionasse a chance de vir a ser “um cristo”, alguém influente, com um salário alto, conforto, ele estaria disposto a aceitar as normas sociais. Entretanto, ser “apenas um anjo”, um trabalhador assalariado, isso não lhe parece atrativo, o que o leva a escolher o “caminho errado”. Mas ele finaliza seu poema recorrendo a Jesus, o portador da verdade e da sua própria vida: “Jesus da verdade e da minha vida, O que eu posso escolher, o bem ou o mal? (se eles estão sempre juntos) Só você pode escolher o que é melhor para você”. Ou seja, o discurso religioso o afeta ao ponto de fazê-lo refletir sobre toda a sua trajetória, ao ponto de levá-lo a refazer, mentalmente, as suas escolhas passadas e a delinear um caminho hipotético. Provavelmente, ao avaliar a situação daqueles que levam uma vida guiada pelos princípios morais e éticos aprovados pela sociedade, ao observar os agentes religiosos que atuam na prisão e aqueles que frequentam as igrejas, ele considere que ser um homem correto não pode levá-lo a obter da vida os privilégios que ele pretende ter, sua conclusão é a de que, ainda que se esforce, ele jamais terá o prestígio, a fama e o reconhecimento de Jesus Cristo. Ele demonstra aí que

não é o dinheiro que ele coloca em primeiro lugar, mas o prestígio, o poder de liderança, o reconhecimento, a admiração e, mais que tudo, o amor de seus súditos.

A antítese apresentada por ele na finalização de seu poema deixa claro o seu conflito: ele tem o bem e o mal dentro de si. Embora uma parte sua suplique que Jesus, o grande sábio possuidor da verdade absoluta, lhe aponte o caminho, a sua face incrédula responde que cabe somente a ele, como humano e imperfeito, decidir o próprio caminho. Embora Jesus seja, para ele, “o caminho, e a verdade e a vida” (João 14:6), ele está presente em seus conflitos apenas como ouvinte, a quem ele tenta convencer de que é impossível escolher entre bem e mal. Embora esteja formulada em forma de pergunta, a penúltima estrofe do poema traz a percepção que o poeta tem da realidade: todas as situações apresentam esse duplo e contraditório aspecto: bem e mal. É possível que tal reflexão tenha surgido a partir do discurso religioso, seja em atendimentos em portas de celas, nos cultos que acontecem aos sábados ou ainda que tenha lido sobre o assunto em publicações deixadas pelos religiosos. A partir de tais “provocações”, ele passa a refletir, construir argumentos que fundamentem a sua escolha em permanecer livre (no sentido selvagem de viver sem regras).

Vale ressaltar que o Jesus com quem ele fala não é uma autoridade, pois se fosse ele teria que chamá-lo de “Senhor” da mesma forma como se dirige aos agentes de segurança e aos diretores da unidade prisional. Ele se dirige a Jesus com intimidade, como se ele fosse um companheiro de cela (aquele mais respeitado) e lhe apresenta, sequencialmente, sem lhe dar o direito à voz para que possa respondê-lo, as suas colocações: ele faz uma pergunta seguida de uma intervenção entre parênteses (que sugere a impossibilidade de encontrar a resposta) e apresenta ele próprio a resposta. A desconsideração do outro na interação com o divino pode apontar para dois caminhos na análise: pode significar que ele desconsidera a voz de Jesus e assume ele próprio a responsabilidade de escolher e pagar pelas escolhas; ou, por outro lado, pode significar que ele reproduza ali a resposta que supõe que Jesus daria para a questão, considerando que Jesus também transgrediu normas e teve que assumir as consequências por escolher o “caminho errado” de acordo com a legislação de seu tempo.

O segundo poema apresenta um conflito onde a submissão religiosa aparece como porta de saída para que o acautelado consiga ser libertado das grades da prisão.

### **Transformação**

Eu vou sair daqui  
e vou mudar.

Estou ouvindo  
alguém me chamar.

Já estou cansado de sofrer neste lugar...  
Eu queria mudar, eu queria mudar.  
Mas, pra isso, eu preciso de Deus  
para me ajudar.

Quem sabe um dia eu vá ser  
o filho que minha mãe sempre quis  
- ou talvez aquele terrorista  
que ninguém ainda viu.

Se está escrito nas estrelas eu não sei,  
mas vou tentar descobrir tudo que preciso  
para conseguir chegar num lugar  
que não conheço, onde ainda não cheguei  
onde nunca imaginei estar. (V.C.C., 2013, p. 53)

É importante perceber, nos dois primeiros versos do poema, a maneira como o poeta ordena as duas ações: primeiramente, ele vai sair da prisão e só depois disso é que pretende mudar, pois há alguém a chamar por ele, possivelmente a religião. Diante do sofrimento de estar encarcerado, ele busca uma saída para abreviar o seu sofrimento: a mudança de comportamento, de pensamento. O fato de estar confuso e desprovido do seu eu, leva o acautelado a buscar uma nova identidade, que poderá ser mais ou menos aceitável que a anterior, uma identidade que nem ele mesmo pode supor como será, conforme ele cita na terceira estrofe do poema: “Quem sabe um dia eu vá ser o filho que minha mãe sempre quis – ou então aquele terrorista que ninguém ainda viu”. Ou seja, nesse processo de vazío interior e de ressignificação do eu, as suas interações sociais são de fundamental importância. Nas apropriações que o levarão a assumir um novo esquema de pensamento ele pode, por exemplo, constituir um novo eu que fortaleça o que a instituição prisional busca mortificar, dependendo dos colegas com quem irá conviver dentro da cela. Ou pode, a partir das interações com os grupos religiosos e com colegas convertidos, passar a ressignificar o seu eu, constituindo um esquema mental que o leve em direção contrária, o que vai fazer com que viva de acordo com as normas institucionais e retorne à sociedade antes do previsto.

Nesse caso específico, o poeta quer chegar a um novo lugar onde possa estar livre do sofrimento da prisão e, se tiver ajuda de Deus, pode conseguir mudar para melhor, mas existe também a possibilidade de ele escolher ser pior. Entre a religião e os noticiários da televisão, ele busca um caminho, e a ação terrorista parece-lhe atraente: os terroristas ganham a atenção da grande mídia, o que lhes dá maior prestígio no grupo social de criminosos. Eles detêm o poder e estão livres. Fica claro que a mortificação do eu pode levar o indivíduo a um caminho

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

diferente do planejado pela instituição total: ele pode resistir e se fortalecer e se tornar até mesmo um líder na luta contra a lei, já que, fragilizado, torna-se altamente vulnerável às ideologias que lhe são ofertadas, seja através da televisão, pela instituição prisional, pela ação dos grupos religiosos, pela escola e, principalmente, através da interação com o grupo social que habita as celas, com quem ele passa a maior parte do tempo. Essa vulnerabilidade, comumente, tem como consequência os conflitos na busca de um modelo a seguir na ressignificação de sua vida, considerando que a vida dentro da prisão só é possível se ele reconstrói esse eu mortificado. Entretanto, é preciso frisar que a instituição prisional não tem controle absoluto sobre essa reconstrução do eu.

A formação discursiva do de V.C.C. diz claramente que é preciso ser outro depois de haver sido encarcerado. Não é mais possível ser quem era antes, é preciso mudar para enfrentar a vida. E ele, mesmo citando a necessidade de obter a ajuda de Deus para conseguir mudar, não demonstra interesse em aderir às ideias religiosas nem mesmo em se converter a uma religião. O que ele busca é apenas um caminho que lhe possibilite mudar de vida e ele oscila na escolha desse caminho que, tanto pode ser a religião como o crime (isso lhe é indiferente). Quanto à formação ideológica, embora não declare isso claramente, ele sugere uma abertura para se submeter tanto à ideologia dominante quanto a uma outra contrária, desde que a mudança lhe garanta a libertação do sofrimento de estar por trás das grades.

O próximo poema a ser analisado tem como autor o acautelado W.R.B. e está numa das últimas páginas do “Poetas da Liberdade”, sob o título “É preciso ter fé”. O poema é marcado por paráfrases que reúnem trechos de passagens bíblicas e de um ‘louvor’ e, aparentemente, traz um discurso que fala com o outro, buscando convencê-lo do poder da fé na vida do homem. Contudo, subentendida nas entrelinhas, transparece uma leve dúvida que aponta um caminho secundário para o que não se torna possível a partir da fé, conforme os versos abaixo e sua análise posterior:

### **É preciso ter fé**

É preciso crer, seja você homem ou mulher.  
 Basta acreditar na fé que move montanhas  
 que prevalece em qualquer lugar  
 que está presente no ar que você respira  
 por toda a sua vida.  
 Pelo sim, pelo não, Deus alivia o seu coração.  
 Em todos os momentos de maldade,  
 que Deus espalhe a paz e a felicidade  
 por todos os cantos da cidade.

Que a justiça e a liberdade sejam cumpridas,  
que os loucos deem mais valor às suas vidas.

É preciso crer, é preciso acreditar  
que o Rei dos Reis vai nos salvar  
- seja você um criminoso em liberdade  
ou um detento atrás das grades.  
Um mendigo a espera da prosperidade  
ou até o mundo todo querendo a paz.

Com fé e afeto – é assim que se faz!  
(W.R.B., 2013, p. 55)

O segundo verso do poema já traz um discurso apresentado em diversas passagens da Bíblia, entre os quais destaco Mateus 21:21, segundo o qual “Jesus, porém, respondendo, disse-lhes: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira, mas até se a este monte disserdes: Ergue-te, e precipita-te no mar, assim será feito” ; e também Marcos: “Porque em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito”. (Marcos, 11:23,24)

Quando W.R.B. diz “É preciso crer, seja você homem ou mulher. Basta acreditar na fé que move montanhas, que prevalece em qualquer lugar”, ele está significando o monte como “obstáculo”. Ele se apropria do discurso religioso e constrói um argumento formado por três premissas e marcado pela relação de condicionalidade: 1) Se a Bíblia exprime a verdade absoluta como afirmam os religiosos; 2) se a fé realmente tiver o poder de mover um monte; 3) se as palavras de Jesus são atemporais e valem em qualquer espaço. Ele conclui que, se todas as premissas puderem ser consideradas como verdadeiras, então também é verdade que, através da fé, é possível interferir em favor dos acautelados e antecipar a concessão de sua liberdade. Por isso é importante manter a fé, segundo os versos de W.R.B., que declara com firmeza, como quem ordena ao monte que ele se mova: “Que a justiça e a liberdade sejam cumpridas”, ou seja, que, diante da firmeza da “minha” fé, a justiça se mova para que o milagre da liberdade seja cumprido. Entretanto, a sua fé é oscilante e isso gera um conflito que aparece refletido no sexto verso do poema, quando ele diz “Pelo sim, pelo não, Deus alivia o seu coração”, ou seja, caso a fé não seja capaz de promover o milagre de “mover montanhas”, ainda assim, a fé religiosa tem um outro papel dentro do cárcere: o de trazer conforto e alívio emocional para os acautelados, o que vai contribuir para que consigam conviver com a maldade que se volta contra

eles, dentro e fora do cárcere. A lembrança de tais maldades talvez inspire o pedido de paz que ele faz em seguida: que “Deus espalhe a paz e a felicidade por todos os cantos da cidade”.

O poema soa como um convite, convocação coletiva para a prática da fé: o poeta fala de fé exatamente sete vezes em dezessete versos, seja através do verbo ‘crer’ ou do verbo ‘acreditar’. De acordo com o seu discurso, a fé é uma condição necessária para que o “Rei dos Reis” venha promover a salvação de todos os que estão encarcerados e também para os companheiros que estão em liberdade. Na penúltima estrofe do poema, quando W.R.B. apresenta a declaração de que o “Rei dos reis” vai salvar a todos, não importa que “seja você um criminoso em liberdade ou um detento atrás das grades”, traz duas categorias de indivíduos: os livres e os encarcerados, mas ele só classifica como criminosos os que integram a primeira, o que pode nortear o leitor de forma a compreender que só é possível viver pelo ‘princípio de prazer’ do lado de fora da prisão e que, uma vez preso, ele é obrigado a adotar, ainda que aparentemente apenas, uma conduta regida pelo ‘princípio de realidade’. Há ainda a possibilidade de um interdiscurso que pode ser traduzido como: os verdadeiros criminosos estão livres, não atrás das grades; atrás das grades, estão os detentos, ou seja, aqueles menos experientes que prestam pequenos serviços ilícitos e que, por serem inexperientes, são facilmente pegos pela polícia. Os criminosos permanecem em liberdade. Entretanto, a salvação virá para todos, independente do caminho escolhido. É importante destacar que ele integra em um grupo único tanto “um criminoso em liberdade / ou um detento atrás das grades / Um mendigo a espera da prosperidade / ou até o mundo todo querendo a paz”; e esclarece, consciente ou inconscientemente, que o “Rei dos reis” virá salvar a todos, embora a maior carência seja dos mendigos sem prosperidade e do mundo sem paz, já que ele não se refere às necessidades dos criminosos e dos detentos. Na omissão das necessidades desses dois grupos pode estar subentendida a declaração de que os dois grupos conseguem viver uma vida de fartura e de prazeres. Nesse sentido, Deus pode ser visto como aquele que, dentro ou fora da prisão, teria o poder de protegê-los da imposição de terem que se submeter ao Estado e se verem obrigados a ter uma vida regida pelo ‘princípio de realidade’.

Neste último poema, de forma diferente do anterior, nota-se o grande envolvimento emocional do acautelado com o Sagrado: Deus se apresenta como Aquele que protege o acautelado para que ele permaneça vivo dentro da cela, motivo pelo qual, provavelmente, ele expressa sua gratidão na primeira estrofe, demonstrando um grande alívio, sugerido através da exclamação ao final do verso.

### Fé

Mais um dia eu acordei!  
Obrigado, meu Senhor,  
pois as minhas orações  
eu faço com muito amor.

O sol aquece a minha fé  
e ameniza o meu sofrimento.  
Só Deus sabe a dor  
que eu sinto aqui dentro.

A saudade aperta o meu peito  
e sangra o meu coração,  
mas existe a esperança  
que me leva de volta para a rua.

De joelhos no chão,  
vou agradecer ao meu Deus  
por sair desta prisão (L.P.S., 2013, p. 40)

Despido de sua identidade, ele aceita as humilhações e se rende às regras institucionais da prisão para permanecer vivo. O seu apego à religião garante-lhe uma suposta proteção e é a certeza dessa proteção que mantém viva a sua fé e que lhe faz suportar o sofrimento, dando-lhe esperança de ter de volta a sua liberdade. Fragilizado pela dor, ele tem um “coração sangrando” - um sangramento metafórico que encobre fatos que ocorrem, possivelmente, no período noturno, já que, conforme ele relata no primeiro verso da segunda estrofe, é o sol que aquece a sua fé e ameniza seu sofrimento. Tais fatos podem consistir em maus tratos sofridos como punição pela equipe de segurança, por desavenças com colegas de celas ou até mesmo por ser o período do dia em que ele mais sente saudade dos familiares e amigos.

Mesmo em situações com menor índice de gravidade como, por exemplo, a convivência forçada com algum acautelado portador de doença contagiosa, o compartilhamento do espaço, utilização do mesmo banheiro, tudo isso gera uma grande tensão. Também diante de casos mais comuns como o de acautelados que se tornam hipertensos durante o cumprimento da pena ou quando adquirem outro tipo de doença como diabetes, é comum que os colegas passem a sentir “que estão num ambiente que não garante integridade física” (GOFFMAN, 2015, p. 29). A ausência da família e de pessoas de seu convívio gera uma grande insegurança que leva ao medo da morte. Especialmente em casos como esse, a religião consiste numa maneira de conseguir proteção, alívio, segurança. A própria formação discursiva do poema

apresenta Deus desta forma: Ele é Aquele que cura as dores, protege a vida e liberta da prisão, ou seja, através da assistência religiosa ele consegue o tratamento terapêutico, a cura do corpo, a proteção da vida e ainda a defesa diante do juiz.

Mudando o rumo das investigações para as entrevistas realizadas às portas de celas, com a participação de 71% da população carcerária, é possível perceber esse aspecto do impacto do religioso no cumprimento da pena e identificar as características da comunicação dos acautelados com o Sagrado, identificando as questões que são abordadas nas orações feitas por eles, geralmente, na hora de dormir. Para tornar clara essa interação com o Sagrado, o estudo toma como base as respostas à pergunta 18 da entrevista aberta: “O que você fala com Deus?”, a partir da qual os entrevistados transcreveram os pedidos apresentados em suas orações diárias. Levando em consideração que um pedido reflete a carência de algo, pode-se identificar, por exemplo, sentimentos de desproteção, insegurança e medo nos dizeres da prece daqueles que pedem a Deus proteção – um número de acautelados que corresponde a 17% do total dos 128 entrevistados durante a pesquisa, conforme é possível verificar no gráfico a seguir:

### **Considerações finais**

Diante da degradação sofrida, da autoimagem destruída e da percepção de si mesmos a partir de um estereótipo que lhes foi atribuído à sua revelia, os acautelados buscam se adequar à nova situação e é justamente nessa busca pela adaptação em suas interações com os grupos sociais que participam da rotina prisional que tem início a ressignificação do seu eu. Não se trata de uma escolha, mas de um passo necessário para a adaptação desses sujeitos à nova realidade de sua vida e, para conseguir êxito nessa tarefa, os acautelados podem buscar elementos entre as normas institucionais, entre as regras criadas para a convivência nas celas, podem se apropriar de elementos fornecidos por professores ou por agentes religiosos. Podem também reunir elementos de todas essas interações para a construção de um novo esquema mental que lhes garanta uma vida suportável na prisão. A reunião de dados e análises acima apresentados leva à formulação de um modelo teórico formado por quatro possibilidades de ressignificação do eu a partir do discurso que os grupos religiosos proferem às portas das celas, que levam a caminhos diferentes.

A primeira possibilidade de ressignificação pode ser designada como “ressignificação temporária”. O sujeito ressignifica o seu eu temporariamente, diante das circunstâncias em que vive. Ou seja, ele entrega sua vida a Deus, se reconhece como criminoso e pecador, com o

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

objetivo de conseguir força para vencer as dificuldades, de obter proteção contra os perigos e de conquistar a intercessão Divina junto ao juiz, a fim de ter de volta a sua liberdade. Na segunda possibilidade, aqui denominada como “ressignificação profunda”, o discurso religioso atinge o sujeito de uma maneira mais profunda, levando-o a fazer uma revisão de sua trajetória de vida sob o viés religioso e a se arrepender dos atos cometidos. Ele passa então a explicar a sua vida, a pena e as situações cotidianas a partir do discurso religioso. Ele quer mudar o rumo de sua vida, determina-se a isso dentro da prisão e, não raro, passa a ser respeitado pelos companheiros de cela por sua decisão. Todavia, diante das dificuldades encontradas do lado de fora da prisão e das formas alternativas de conseguir recursos financeiros para se manter, na maioria das vezes, uma vez em liberdade, ele se afasta da religião e retorna à vida criminosa.

A polissemia é a marca da terceira possibilidade de resignificação do eu pela influência do discurso religioso, aqui denominada como “ressignificação polissêmica”. O sujeito se apropria do discurso religioso, mas promove uma polissemia no sentido desse discurso, a partir da qual ele resignifica o seu eu. Através desse tipo de interpretação que o acautelado faz, é possível que ele peça, em suas orações, que Deus que puna o seu inimigo, que o proteja durante uma fuga ou mesmo que lhe dê assistência no planejamento de um homicídio. Deus passa a fazer parte de sua vida, ou seja, ele resignifica seu eu a partir do discurso religioso, resignifica o seu cotidiano, entretanto, nessa resignificação, ele busca adequar o discurso religioso à sua vida e não o contrário. Se, conforme o discurso religioso que chega à prisão, Jesus o aceita e acolhe, mesmo sendo ele um criminoso, então é possível concluir que Jesus permanecerá com ele, mesmo viva uma vida ligada à prática de crimes.

Nas três formas de resignificação do eu acima apresentadas, as visitas religiosas podem ser vistas como oportunidade de adquirir alguma autonomia dentro da cela, uma maneira de se diferenciar, ter de volta parte da singularidade que lhe é negada; ou seja, a adoção das práticas religiosas podem funcionar como um tipo de ajustamento secundário, já que promove a sensação de alívio, de fé, de esperança - satisfações que os acautelados não conseguiriam dentro da prisão por outra via, podendo ainda proporcionar-lhes a oportunidade de assumir um novo papel social dentro da cela, através do apoio religioso a companheiros e do desenvolvimento de ações religiosas, como nos casos que ocorrem nas celas 06, 08 e 16 do presídio de Cataguases, onde os próprios acautelados realizam cultos todas as noites, com leitura e interpretação de textos bíblicos. No caso dessas celas, percebe-se que a adesão ao discurso religioso trouxe para os acautelados dessas celas uma resignificação do cotidiano

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

prisional e do seu papel social naquele espaço, proporcionando a possibilidade da criação de um projeto mais amplo, que atenda a todos os encarcerados do presídio.

Embora possa parecer, num primeiro momento, que a conversão religiosa coloca o homem numa situação de passividade, já que ele entrega a direção e a gestão de sua vida nas mãos de Deus, é importante destacar que o envolvimento que o convertido passa a ter com a religião promove uma grande mudança no seu comportamento, levando-o a suportar melhor a pena por causa da ressignificação que ele faz da prisão e do seu papel dentro da cela. A religião o convence a aceitar as normas da instituição prisional, o que o leva a ressignificar também a sua postura dentro da família e na sociedade. Apesar de a religião estar claramente definida como instituição que contribui para a neutralização do indivíduo encarcerado, é preciso observar que a apropriação do discurso religioso pode consistir, em alguns casos, como a única via através da qual ele conseguirá se reintegrar à sociedade.

Já no caso da quarta e última possibilidade de ressignificação do eu a partir do discurso religioso, a “ressignificação crítica”, o sujeito assume uma posição contrária à religião, numa dinâmica que se mostra totalmente diferente dos casos anteriores. O acautelado se apropria do discurso religioso com o objetivo único de refutá-lo. Entretanto, para invalidar esse discurso, ele precisa observar os grupos religiosos e analisar as passagens bíblicas levadas por eles, ou seja, para negar o discurso religioso ele precisa conhecê-lo. Os acautelados que pertencem a esse grupo não abrem mão da gerência de suas vidas, querem seguir desfrutando de todos os prazeres materiais, demonstram escárnio pela proposta de entregar a vida a Deus, de se tornarem submissos e resignarem-se ao seu papel de explorados. Todavia, mesmo entre esses acautelados, é possível observar que há uma ressignificação de eu: eles buscam, no discurso religioso, argumentos que justificam e tornam mais forte o eu que a instituição busca mortificar. Dentro desse contexto, o discurso religioso o leva à ressignificação do seu eu original, que se torna mais vigoroso e tem sua estrutura fortalecida.

É importante destacar que pode ocorrer que os acautelados que ressignificaram temporariamente o seu eu a partir do discurso religioso possam passar para uma ressignificação profunda, ou mesmo para a ressignificação crítica se ele não tem seus pedidos atendidos e sofre grandes perdas ou decepções. Como também pode ocorrer que aquele que fez uma ressignificação profunda decida, ao sair da prisão, voltar à prática de crimes. Neste caso, ele pode passar à ressignificação polissêmica. Enfim, como a prisão é um ambiente em que existe

grande tensão e os homens que cumprem pena vivem uma situação de grande fragilidade emocional, o aspecto das situações muda rapidamente.

Em todos os casos, é importante destacar que a ressignificação do eu a partir do discurso religioso altera a percepção que esses sujeitos têm de si e dos outros. Dessa forma, é válido afirmar que é possível uma ressignificação do eu a partir do discurso religioso, mas essa ressignificação não garante a conversão religiosa, tampouco a reintegração social do acautelado. É possível concluir, assim, que, a partir do momento em que o discurso religioso é proferido às portas das celas, ele pode assumir vários caminhos e abrir múltiplas possibilidades que podem ou não levar os sujeitos a assumirem uma direção diferente, tanto dentro quanto fora da prisão. Mudando ou não a direção de suas vidas, é importante destacar que essa ressignificação, mesmo quando ocorre em caráter temporário e sob o viés utilitário, promove alterações na percepção que o acautelado tem de si mesmo, do outro e do mundo

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Reprodução**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994.

BLUMER, Herbert. **A natureza do interacionismo simbólico**. In: Teoria da comunicação: textos básicos. MORTENSEN, C. D. (Org). São Paulo: Mosaico, 1980

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Católicos, Protestantes, Espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Secularização e reencantamento**: emergência dos novos movimentos religiosos. Boletim Informativo de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010**: consolidações, tendências e perplexidades. In: Faustino Teixeira & Renata Menezes (orgs). *Religiões em Movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013, pp.63-87.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Paralelo XV, Ed UNESP; 2000.

CARDOSO, Ruth C. L. **Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método**. In: CARDOSO, Ruth (Org.). 4 ed. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **As regras do método sociológico**. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOFFMAN, E. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 10 ed..Vozes : Petrópolis, 1985.

\_\_\_\_\_. **Manicômios, prisões e conventos**. 9ª ed. São Paulo : Perspectiva, 2015.

\_\_\_\_\_. **Ritual de interação** : ensaios sobre o comportamento face a face. tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

MAGNANI, José C. "**Quando o campo é a cidade**: fazendo Antropologia na metrópole". In: *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo : Edusp, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCUSE, Herbert. **Eros & Civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Trad. Álvaro Cabral. 8 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009

MARIANO, Ricardo. **A expansão pentecostal no Brasil**: o caso da Igreja Universal. In: *Estudos Avançados* 18 (52), 2004. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf>. Acesso em: 09 abr 2016

NUNES, Ana Idalina Carvalho. **Discurso religioso no cárcere**: caminhos e possibilidades. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2017.

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

ORLANDI, Eni Pulcinelli; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. **Vozes e contrastes**: Discurso na Cidade e no Campo. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. 3. reimpr. Campinas, SP: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso**: Princípios & Procedimentos. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. **Papel da memória**. In: ACHARD, Pierre et al. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et. al. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 5. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

PEIRANO M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Darumá; 1995.